

OS ESQUEMAS PREDICATIVOS DA LÍNGUA GERAL DE MINA

Silvia Margarete Cunha Souza
Universidade de São Paulo

RESUMO: *Este artigo apresenta uma análise da estrutura da língua geral de mina, falada no Brasil por negros da África Ocidental vindos para o trabalho escravo em minas de ouro e diamante no início do século XVIII. O corpus é o único documento específico sobre a língua, a Obra Nova de Língua Geral de Mina, de Antônio da Costa Peixoto, escrita em 1741. A análise, além de dar a conhecer algumas características gerais da língua de mina, mostra que ela não possui um padrão exótico em relação às outras línguas africanas.*

ABSTRACT: *This article presents an analysis of the structure of the língua geral de mina (general language of mine), spoken in Brazil by the blacks coming for slave work in gold and diamond mines at the beginning of the 18th century. The corpus is the only specific document about the language, the Obra Nova de Língua Geral de Mina, by Antônio da Costa Peixoto, written in 1741. The analysis, besides allowing to know some general characteristics of the language of mine, shows that it does not have an exotic pattern in comparison to the other African languages.*

1. Introdução

A língua geral de mina era a língua falada no Brasil pelos negros procedentes da África Ocidental com destino ao trabalho escravo nas minas de ouro e de diamante de Minas Gerais a partir do início do século XVIII. Teve, no contexto da escravidão no Brasil, o estatuto de língua veicular, servindo para a comunicação entre falantes de línguas diferentes, mas tipologicamente aparentadas, por serem provenientes da mesma área lingüística, a do grupo Gbe (família Kwa). Um registro da língua chegou até nós por meio da *Obra nova de língua geral de mina*, de Antônio da Costa Peixoto, escrita em 1741. Essa obra constitui, assim, a

única fonte para o conhecimento da língua, e os dados aí contidos, a base do estudo que se segue. Este trabalho constitui uma tentativa de reconstruir os aspectos gerais da estrutura e do funcionamento da língua geral de mina a partir desses dados. O modelo utilizado é o plano de descrição sistemática para línguas negro-africanas proposto por Houis (1977) e ampliado por Bonvini (1988) na descrição da língua kasim.

Considerando-se que o trabalho aborda um documento histórico, além de descrever as características gerais da língua nele documentada, um dos objetivos será apresentar informações sobre seu autor e o local onde foi produzido, a fim de situá-lo tanto no contexto das línguas africanas ligadas à escravidão no Brasil como no contexto da produção lingüística brasileira dos primeiros séculos.

2. A *Obra nova de língua geral de mina* e seu autor

Não obstante a multiplicidade de línguas ligadas historicamente à escravidão no Brasil, atesta-se uma exigüidade de documentos relativos às línguas africanas aqui introduzidas com o tráfico de escravos e, sobretudo, relativos à história dos contatos lingüísticos ocorridos no período Colonial (1500-1822). Prova disso é a existência de apenas dois documentos produzidos nesse período dedicados às línguas africanas faladas no Brasil. O mais conhecido é a *Arte da língua de Angola*, de Pedro Dias, produzido em Salvador, mas publicado em Lisboa em 1697. O outro, abordado neste trabalho, é o manuscrito da *Obra nova de língua geral de mina*, de António da Costa Peixoto, produzido em 1741 e editado em 1945¹ em Lisboa. O autógrafo, uma brochura de 46 páginas, pertence à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Portugal), onde está catalogado sob o código CXVI/I – 14 b, e foi publicado pela Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias. Trata-se de um documento que atesta a existência de uma língua africana de uso veicular no Brasil Colonial e que pode ser considerado um dos únicos testemunhos da história dos contatos acima referidos.

O manuscrito original da *Obra nova de língua geral de mina*, de António da Costa Peixoto, constitui uma espécie de manual de conversação iniciado com um glossário em que aparecem listas de palavras e expressões, frases e diálogos na língua geral de mina com a tradução para a língua portuguesa. As listas de palavras e expressões estão organizadas, grosso modo, segundo o campo lexical, embora essa organização não seja sistemática. O autor lista nomes e expressões referentes a partes do corpo, peças de vestuário, utensílios domésticos, instrumentos de trabalho, armas e ferramentas, produtos alimentícios (frutas, legumes, hortaliças), animais domésticos e os destinados ao abate, ofícios e

profissões, lugares, fenômenos naturais, tempo (dia, mês, ano) etc. As frases e os diálogos, que estão organizados segundo temas ou situações, refletem as relações interpessoais e de trabalho e aspectos da vida cotidiana. Também aparecem ordens de execução de serviços e as mais variadas perguntas, com suas respectivas respostas.

É provável que tenham existido outros manuscritos de António da Costa Peixoto referentes à língua geral de mina, pois, no final do texto, ele escreve:

“Tenho dado fim aó que premeti, no principio deste caderno; e pesso ao dono delle, o estude, de sorte que dê por bem empregado o lemitado spendio: E que o não. empreste, nem treslade, nem dê a tresladar a ninguem, e finalm.^{ta} me emculque curiozos p.^o que me com-prem outros velumes, que com ansia e fervor, fico dando ao prello, e breve me sahirão:” (grifos meus)

São poucas as referências acerca de António da Costa Peixoto; sabe-se, pelo manuscrito, que era natural de Entre-Douro-e-Minho e que escreveu o texto na Freguesia de São Bartolomeu (pequeno arraial da periferia de Vila Rica, hoje Ouro Preto) entre 11 de julho e 4 de dezembro de 1741. É pouco provável que fosse missionário, uma vez que, no Brasil Colonial, o estudo de línguas não-européias incidia quase exclusivamente sobre as línguas indígenas e era motivado, sobretudo, pelo desejo de conquista e catequização dos índios (Silveira, 1945; Rodrigues, 1996); além disso, as brochuras de Costa Peixoto tinham o objetivo, textualmente colocado, de ensinar a língua dos escravos a seus senhores, com o intuito de facilitar a estes o trato com aqueles.

Outro ponto a ser considerado é o contexto em que surgiu o manuscrito da língua geral de mina. Para Petter (1999), a hipótese de o manuscrito ter sido produzido em Ouro Preto pode ser confirmada por dados históricos que atestam que a região de Ouro Preto, Sabará e Mariana recebeu de 80 a 100 mil escravos oriundos da região das línguas Gbe no período de 1720 a 1747. Essa presença maciça de negros provenientes da África Ocidental está de acordo com um dado importante da história do tráfico negreiro para o Brasil, qual seja o fato de os portugueses escolherem levas de escravos de acordo com o trabalho a que se destinavam (Boxer, 1963). Para a exploração mineira, por exemplo, preferiam os negros minas, captados no porto de Ajudá, por serem considerados mais fortes que os banto e, sobretudo, por sua experiência na mineração. Da África Ocidental, os portugueses também importavam as técnicas empregadas no trabalho nas minas.

3. Os esquemas predicativos da língua geral de mina

Quatro noções distintas estão compreendidas na organização formal de uma língua, manifestada na estrutura regular de seus enunciados: **termo sintático**, **esquema predicativo**, **função sintática** e **constituente sintático**. Dessas, interessa primeiramente a noção de **esquema predicativo**, já que representa a expressão própria da regularidade estrutural da língua e, por isso mesmo, esta apresenta um número limitado de esquemas (Bonvini, 1988).

São três as modalidades em função das quais a predicação pode ser modulada pela operação enunciativa: **asserção**, **intimação** e **interrogação** (Bonvini, 1988: 31). Cada uma dessas modalidades enunciativas tem sua sintaxe própria, que se revela em esquemas predicativos, os quais constituem os modelos de construção de enunciados na língua.

Os enunciados da língua geral de mina apresentam um esquema predicativo com **nexus de dois termos** e **predicado simples**, conforme a representação:

NS + VP ± NO ± NC

onde:

NS = constituinte **nominal** em função de **sujeito**;

VP = constituinte **verbal** em função de **predicado**;

NO = constituinte **nominal** em função de **objeto**;

NC = constituinte **nominal** em função de **circunstante**;

+ indica **presença necessária**;

± indica **presença não-necessária**.

A seqüência (**NS + VP**), por conter os termos nucleares, constitui o **nexus** e tem presença necessária no enunciado; **NO** e **NC** constituem as expansões, e sua presença no enunciado é não-necessária, daí aparecerem em número variável, como se pode ver pelas seqüências atestadas nos dados.

3.1. Esquemas predicativos da asserção

Os **enunciados assertivos afirmativos** da língua geral de mina têm como característica a intercalação de um pronome entre o **NS** e o **VP**, no caso de o primeiro ser preenchido por um nominal que não seja pronome pessoal. Esse pronome — representado no esquema por **Pr** — tem sempre a forma do pronome pessoal de terceira pessoa, assumindo uma função anafórica, pois retoma o sujeito. Duas seqüências são mais freqüentemente atestadas nos dados, conforme a função sujeito seja

preenchida (1) por um pronome pessoal ou (2) por um nome ou sintagma nominal:

- (1) NS + VP ± NO ± NC
- (2) NS + Pr + VP ± NO ± NC

Com relação à primeira seqüência, destaca-se que o pronome de terceira pessoa pode funcionar também como índice de preenchimento de sujeito.

A fim de demonstrar como a língua concretiza os esquemas predicativos, à medida que os apresentar, listarei, a título de exemplificação, algumas frases tiradas dos dados. A organização dos exemplos será: 1) forma como o enunciado aparece escrito na obra (destacada em negrito) com a tradução dada pelo autor à direita²; 2) segmentação morfemática³; 3) indicação do significado de cada morfema; 4) tradução palavra por palavra; 5) tradução livre. Na referência ao significado dos morfemas (3) e na tradução (4 e 5), o ponto de interrogação (?) indica que o sentido do elemento não está claro.

Algumas seqüências atestadas:⁴

a) NS + Pr + VP

a siche hêcû a minha m.^{er} morreo

a si/che /hê/cû

companheira/pron. poss. 1^a. p./pron. pess. 3^a. p. /morrer

companheira/minha/ela/morreu

“A minha companheira morreu.”

b) NS + VP + NO + NC + NC

guidómórufidim você diz histo aqui agora

gui/dó/mó/ru/fi/dim

pron. pess. 2^a. p. sing./dizer/pron. dem./loc./circ. (lugar)/circ. (tempo)

tu/dizes/isso/em/aqui/agora

“Tu dizes isso aqui agora.”

Os **enunciados assertivos negativos** da língua geral de mina são caracterizados pela presença de **morfemas de negação** correlacionados, com distribuição fixa na frase. A distribuição dos morfemas de negação no enunciado apresenta-se assim: o **morfema de negação 1** (**ma** ~ **má** ~ **mà**) aparece no *nexus*, depois do NS e antes do VP; o **morfema de negação 2** (**hã** ~ **há** ~ **hâ**) aparece sempre no **final do enunciado**. O esquema predicativo dos enunciados assertivos negativos pode ser representado:

NS + morf. neg. 1 + VP ± NO ± NC + morf. neg. 2

Algumas seqüências atestadas:

a) NS + ma + VP + ha

nhimanhoihã eu não. sei não

nhi/ma/nhoi/hã

pron. pess. 1^a. p. sing./morf. neg. 1/saber/morf. neg. 2

eu/não/sei/não

“Eu não sei.”

b) NS + ma + VP + NO + NC + ha

nhimátim a sim ruchuheð)ð hã eu não. tenho agoa em caza

nhi/má/tim /a sim /ru/chuheð)ð /hã

pron. pess. 1^a. p. sing./morf. neg. 1/ter/água/loc./casa/morf. neg. 2

eu/não/tenho/água/em/casa/não

“Eu não tenho água em casa.”

c) NS + ma + VP + NC + ha

nhimáhidomhã eu não. vou lá

nhi/má/hi/dom/hã

pron. pess. 1^a. p. sing./morf. neg. 1/ir/circ. (lugar)/morf. neg. 2

eu/não/vou/lá/não

“Eu não vou lá.” *ou* “Eu não fui lá.”

3.2. *Esquemas predicativos do imperativo*

Semanticamente, os **enunciados imperativos** podem manifestar-se como **ordem (afirmativos)** ou como **proibição (negativos)**. Na língua geral de mina, os enunciados característicos da ordem e da proibição concretizam-se em esquemas predicativos típicos, que podem ser representados por: **VP ± NO ± NC**.

a) VP

cló lavece

cló

lavar *ou* lavar-se

“Lava.” *ou* “Lava-te.”

b) VP + NO + NC

blame abõ amarreme devagar

bla/me /abõ

amarrar/pron. obj. 1^a. p. sing./circ. (modo)

amarra/me/devagar
“Amarra-me devagar.”

Há poucos **enunciados imperativos negativos** nos dados. Os dois morfemas de negação, que aparecem correlacionados, têm a mesma distribuição verificada nos enunciados assertivos.

ma + VP + NO + ha
máblame hã não me amarre não
má/bla/me /hã
morf. neg. 1/amarra/pron. obj. 1^a. p. sing./morf. neg. 2
não/amarres/me/não
“Não me amarres.”

3.3. *Esquemas predicativos da interrogação*

Do ponto de vista estrutural, verificam-se dois tipos básicos de perguntas na língua geral de mina: as construídas com “partículas interrogativas” e as que não as utilizam. A análise destas resulta bastante dificultada, pois não é possível diferenciar seu esquema predicativo do esquema dos enunciados assertivos. É possível que a diferença entre os enunciados interrogativos e os assertivos fosse feita pela entonação, mas é possível, igualmente, que houvesse um morfema interrogativo tonal. António da Costa Peixoto utiliza três diacríticos na escrita da língua geral de mina: (˘), (˙) e (^). A existência de pares mínimos de diacríticos demonstra que seu uso não foi arbitrário e permite supor que Costa Peixoto, possivelmente, percebeu uma diferença funcional no nível supra-segmental, que tentou representar por meio dos diacríticos. Dentre esses pares mínimos, encontrei um que opõe uma questão à respectiva resposta:

hetimvi?tem filhos?
he/tim/vi
pron. pess. 3^a. p./ter/filho
ele/tem/filho
“Ele tem filhos?”

hètimvi tem filhos
hè/tim/vi
pron. pess. 3^a. p./ter/filho
ele/tem/filho
“Ele tem filhos.”

O esquema predicativo dos enunciados interrogativos pode, então, ser representado:

*NS + VP ± NO ± NC

Dentre as seqüências atestadas, temos:

a) NS + VP

guisi? Tu andas fugido?

gui/si

pron. pess. 2^a. p. sing./fugir

tu/fugiste

“Tu fugiste?”

b) NS + VP + NO

guigéroume? Tu queresme?

gui/gérou/me

pron. pess. 2^a. p. sing./querer/pron. obj. 1^a. p. sing.

tu/quires/me

“Tu me queres?”

A outra forma de construção de enunciados interrogativos compreende a utilização de “partículas interrogativas”. Trata-se das questões dos tipos “quê?”, “por quê?”, “quem?”, “quanto?”, “onde?”. Foram identificadas as seguintes “partículas interrogativas” nos dados da língua geral de mina:

(1) ani

“quê?”;

(2) anih•tu•~ anihut•

“por que?”

(3) nabi ~ navi

“quanto?”

(4) fiha ~ filha

“onde?”

(5) men ~ menu

“quem?”

Considerando-se a descrição dos esquemas predicativos e buscando uma coerência com o conjunto de resultados obtidos, será necessário verificar como se comporta o enunciado construído a partir da utilização de uma tal categoria de morfemas, por assim dizer. A rigor, os enunciados interrogativos em questão têm o mesmo esquema predicativo apresentado anteriormente: dois elementos nucleares de presença obrigatória (NS + VP), que constituem o *nexus*, e as expansões (NO e NC), ou seja, elementos de presença não-necessária, em número variável. As “partículas interrogativas” encontradas na língua geral de mina correspondem aos tipos de **interrogativos**

(int.) descritos por Creissels (1991), que ocorrem seja sozinhos seja associados a um nominal, formando com este um sintagma.

a) Seqüências do tipo: **int. + NS + VP:**

menu hé já? q.^m hé que bem ahi?

me/nu /hé /já

pessoa/?/pron. pess. 3^a. p./vir

pessoa/?/ela/vem

“Quem vem?” (por “Que pessoa vem?”)

b) Seqüências do tipo: **int. + NS + VP + NO**

menùhébáme? q.^m hé que me procura?

me/nù/hé/bá/me

pessoa/?/pron. pess. 3^a. p./procurar/pron. obj. 1^a. p. sing.

pessoa/?/ele/procura/me

“Quem me procura?” (por “Que pessoa me procura?”)

3.4. Seqüência de proposições

Nas seqüências de duas proposições, a língua geral de mina emprega o assíndeto, ou seja, uma proposição sucede a outra sem a mediação de um morfema sindético. A exigüidade de dados não permite afirmar se essa estrutura corresponde ao único padrão na língua.

guigeroi cou sógam name da qua a balanssa sex quizeres m.^a 8.^a

gui/geroi /cou /só/gam /na/me

pron. pess. 2^a. p. sing./querer/meia oitava/trazer/balança/part. ben./

pron. obj. 1^a. p. sing.

tu/quieres/meia oitava/traze/balança/para/mim

“Tu queres meia oitava, traze a balança para mim.”

4. Conclusão

A língua geral de mina tem um esquema predicativo constituído de um **nexus de dois termos (NS + VP)**, que pode ou não apresentar **expansões (NO e NC)**, e **predicado simples**. Esse esquema tem como representação: **NS + VP ± NO ± NC**. A análise das seqüências atestadas leva à conclusão de que a língua geral de mina: 1) tem estrutura sintática SVOX⁵, com preenchimento obrigatório da posição de sujeito; 2) apresenta um pronome com função anafórica nos enunciados assertivos afirmativos e nos interrogativos cujo sujeito é preenchido por um nome; 3) tem como particularidade a correlação de dois morfemas na construção de enunciados assertivos negativos; 4) apresenta, possivelmente, um morfe-

ma interrogativo tonal ou entonacional; 5) apresenta um tipo de enunciado interrogativo — o que diz respeito às questões “quê?”, “por quê?”, “quem?”, “quanto?”, “onde?” — caracterizado pela presença de um interrogativo que aparece sozinho ou associado a um nome, formando com esse um sintagma em que funciona como determinante.

Neste trabalho, são apresentadas as características gerais da língua por meio da descrição dos esquemas predicativos das modalidades enunciativas. Dada a limitação de espaço, não foi possível mostrar a estruturação dos constituintes sintáticos aptos a ocupar as funções envolvidas nesses esquemas, ou seja, os constituintes verbais e os nominais.

Um dos resultados positivos da descrição foi a constatação de que o conjunto das características que concorrem para a identidade da língua geral de mina configura um dado tipológico bem atestado nas línguas negro-africanas (Creissels, 1991), o que permite afirmar que, com relação ao conjunto das línguas negro-africanas, a língua geral de mina não é uma língua “exótica”.

Pelas coerências internas do registro da língua geral de mina — provam-nas a possibilidade de sistematização dos dados que viabilizaram uma descrição — considero que a obra de António da Costa Peixoto constitui uma amostra muito significativa dessa língua, suficiente para levar a uma compreensão geral de sua estrutura e até mesmo de algumas de suas particularidades. Evidentemente, reconheço as limitações da descrição proposta, já que foi impossível a análise de alguns aspectos — notadamente os relacionados à fonologia. Porém, fica como outro resultado positivo do estudo a que me propus o reconhecimento de que, no contexto da produção lingüística do período colonial, trata-se de uma obra exemplar, sendo, assim, um precioso documento do contato lingüístico ocorrido no Brasil.

Notas

¹ Na Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, além da edição de 1945, há uma edição de 1944.

² A tradução dada pelo autor nem sempre coincide com a tradução que proponho. Em geral, as diferenças recaem sobre a estruturação da frase. Nenhuma alteração/adaptação foi feita na grafia adotada pelo autor.

³ O registro da língua geral de mina apresenta-se pouco sistemático quanto à indicação de fronteiras de palavras. A segmentação morfemática teve como critério a comutação e a comparação com outras formas que aparecem mais de uma vez, feitas em outra etapa. A transcrição dos exemplos não é fonética.

⁴ Dada a limitação de espaço, não será possível apresentar exemplos de todas as seqüências atestadas.

⁵ Onde: S = sujeito, V = verbo, O = objeto, X = qualquer constituinte nominal, seja na função objeto seja na função circunstante.

Referências bibliográficas

- BONVINI, E. (1988) *Prédication et énonciation en kasi#òm*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). (Sciences du Langage)
- BOXER, C. R. (1963) *A idade de ouro do Brasil. Dores de crescimento de uma sociedade colonial*. São Paulo: Nacional.
- COSTA PEIXOTO, A. da (1945) *Obra nova de língua geral de mina*. Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora e da Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa: Agência Geral das Colónias/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1945.
- CREISSELS, D. (1991) *Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique*. Grenoble: Ellug.
- HOUIS, M. (1977). “Plan de description systématique des langues négro-africaines”. In: *Afrique et langage*, n. 7, 1977. p. 5-65.
- PETTER, M. M. T. (1999). “A linguagem do Cafundó: crioulo ou anti-crioulo?”. In: ZIMMERMANN, K. (ed.) *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Berlim, Madrid: Vervuert, Bibliotheca Ibero-Americana. p. 101-17.
- RODRIGUES, A. D. (1996). “As línguas gerais sul-americanas”. *Pápiá* 4(2): 6-18.
- SILVEIRA, L. (1945). Texto de apresentação. In: COSTA PEIXOTO, A. da (1945). *Obra nova de língua geral de mina*. Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora e da Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa: Agência Geral das Colónias/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1945. p. 5-10.

Palavras-chave: língua geral de mina, estrutura, padrão

Key-words: general language of mine, structure, pattern

